

fred góes

o poço de campaná



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Língua
Seraj

residencial aline

Cabeça de porco é como chamam esses edifícios com não sei quantos *apertamentos*. A densidade demográfica do residencial Aline é alarmante. Há conjugados onde coabitam até doze pessoas. Na verdade, não moram, empilham-se. Torta em camadas? Assim.

Claro está que os elevadores não dão conta do movimento, ainda que existam inúmeros deles. Volta e meia pifam. Quero dizer, sempre há vários com defeito, em reparo, em conservação. As filas na portaria são tal qual as dos hospitais públicos em tempos de epidemia. Enormes. Permanentes, a qualquer hora do dia ou da noite. Repletas de cenas extraordinárias. Se Fellini tivesse visto aquilo, teria feito a grande obra de sua vida: *LA CODA*.

A lotação máxima dos elevadores é de até doze pessoas. No entanto, segundo a convenção do prédio, se os moradores do mil cento e dez quiserem subir todos juntos, estarão infringindo o que está estabelecido no parágrafo 78 — Dos Elevadores —, em que é dito, com total cla-

reza, ser proibido o uso exclusivo dos equipamentos por unidade, sob pena de multa. Vigora, porém, um acordo de cavalheiros entre os moradores. Se o décimo terceiro da vez pesar menos de quarenta e cinco quilos, poderá seguir viagem. Como o jeitinho é lei por ali, impreterivelmente, há treze em trânsito. Doze adultos mais uma criança ou uma velhinha.

Não há nada por lá de novo no que concerne ao ritual das filas famosas. Também se vendem lugares, distribuem-se senhas, corrompe-se o porteiro, contratam-se moleques para guardar lugares, enfim, todos os procedimentos característicos são rigorosamente obedecidos. Afinal, o residencial Aline não passa de uma metonímia metropolitana do terceiro mundo.

Clotilde, uma cantora da noite, moradora do mil e qualquer muita coisa, completa seu orçamento semanal com a venda de sanduíches supostamente naturais e salgadinhos gordurosos. Os dois filhos menores ficam encarregados do isopor de refrigerantes e da cerveja. Dona Dinorah, uma sessentona aposentada, vende o produto de suas aquisições de sacoleira. Camisetas de malha ordinária. Camisolas de jersey de quinta categoria. Um mundo de calcinhas e miudezas de lingerie. Venâncio, um biltre em gênero, número e grau, é o responsável pelos gadgets de origem duvidosa. Tenho para mim que o Leleco, filho do Genivaldo, o atual

porteiro, é quem faz o movimento do tráfico. Só pode ser. Não dorme! Vive com os olhos injetados, atento a tudo, por entre as colunas, sempre passando alguma coisa para a mão de alguém que, nem sempre, está na fila.

O Bil, o antigo faxineiro, que hoje dorme de favor no vão da escada, oferece bilhetes da Loteria Federal quando não está escornado de bêbado. Há outros tipos habituais de menor importância, como Clarete, uma velha cafetina da antiga Vila Mimosa, que, ultimamente, transferiu seu negócio para casa, para fugir dos impostos.

Se as filas já são um espetáculo, imagine as viagens de elevador!

Na sexta-feira passada fui buscar umas roupas que minha mulher mandara apertar em dona Marlene. A velha costureira da família que já não tem mais condições físicas de vir à casa. Bicos de papagaio do ofício. Cheguei cedo. Por volta das três da tarde. Recebi a senha trezentos e vinte e cinco. Poderia cair para o número duzentos e setenta, por cinco reais, ou mesmo para o número sessenta e dois, por dez. Não me pergunte a lógica matemática daquilo. Sou péssimo em cálculos.

Em estado de fila tudo é um horror. Ler é quase impossível para mim. O burburinho e a agitação circundantes me desconcentram. Não fazer nada é pior ainda. O melhor mesmo é puxar conversa com os companheiros

próximos de infortúnio. Esquecer o tempo. O que se há de fazer? Foi o que fiz.

Em que linha da minha mão estaria traçado meu encontro com Domênica? Uma italiana de meia idade com olhar de túnel, tamanhas as olheiras. Um arsenal de depressão. Com Demétrio. Duas senhas depois da minha. Quantos sonhos! Iludido. Iluminado pelas desrazões da juventude. Dona Dalva, absurdada de problemas. Delirante. Voz rascante de tabagista septuagenária a reclamar da sorte.

Três horas de fila me bastaram para quase me tornar o síndico do prédio. Descobri soluções para tudo. Apontei equívocos de base. Se fosse filho da puta teria proposto uma consultoria para arrancar dinheiro dos miseráveis ou apresentaria minha candidatura para um cargo político. O eleitorado ali era representativo, sem dúvida.

Consegui entrar no elevador. Apertaram o botão do vigésimo segundo andar. Era o expresso. Subia sem parar e distribuía a carga na descida. Da minha memória auditiva brotou o prefixo do programa da Rádio Nacional:

— Balança... balança

Mas não cai

Da minha imaginação fervilhante surgiu a cínica assinatura de um reclame de tv:

“Residencial Aline, a segurança do bem viver.”

Entre nós treze, havia uma senhora chamada Luna. Ibérica, possivelmente. Sobrancelhas engrossadas por lápis rombudo. Argolas nas orelhas que mais pareciam rodas gigantes. O tempo todo agarrada a um cachorrinho cinza. O silêncio era sepulcral. O aperto, sardínico. O ar... Nunca senti tanta falta de. Por um átimo, lembrei-me da claustrofobia de que sou vítima. Resolvi distrair-me. Percebi então que Demétrio, ao meu lado, esfregava-se em êxtase na bunda de dona América, uma angolana roliça que merecia constar do *Guinness Book* na categoria bunda. Era exorbitante, farta, abundante mesmo. Senhor Jeremias dormia em pé alheio a tudo, até que se ouviu uma sonora bufa.

Daquelas com vibrato. Todos se entreolharam. O turco Nagib chegou a enfiar seu generoso nariz na orelha de Lídia, uma nordestina malcriada que logo se manifestou.

— Além do peido ainda tenho que levar cheiro de turco velho no quengo, é?

Foi quando dona Luna, desconfiada, abriu o verbo:

— O quê? Tá pensanda que foi eu que soltê pum fedorenta? No foi no. Foi el catchorro que tomou purganta e está com dolor de barriga. Soy una dama. No peido em público.

A gargalhada foi geral e o fedor, dos infernos. No décimo quinto saltaram muitos. Outros tantos, no décimo terceiro. Eu consegui descer no doze e resolvi chegar ao décimo pelas escadas.

Depois de muita luta estava diante do apartamento de dona Marlene. Apertei a campainha com insistência. Passados uns bons dez minutos, abriu-me a porta sua neta, com cara de sono.

As roupas de minha mulher estavam cuidadosamente embrulhadas naquele papel cor-de-rosa típico. Dona Marlene, no entanto, fora internada havia dois dias, em crise.

A neta, com a porta entreaberta, disse-me ríspida e telegráfica:

— Lê aí no pacote quanto é. Passa logo o tutu pra eu voltar pra cama. Acho que vovó não passa dessa.

Paguei. Peguei o pacote e segui meu caminho escada abaixo, num *travelling* espiral de pequenos *flashes* fantásticos. Aquilo era absolutamente barroco. Tinha um não sei o que de catedral.